

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM TÊXTIL E MODA**

JENIFER ISABELA CANDIDO SILVA

A VALORIZAÇÃO DA MODA PRETA

AMERICANA, SP

2024

JENIFER ISABELA CANDIDO SILVA

A VALORIZAÇÃO DA MODA PRETA

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia de Americana “Ministro Ralph Biasi”.

Área de concentração: Consumo de Moda

Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato

AMERICANA, SP

2024

SILVA, Jenifer Isabela Candido

A valorização da moda preta. / Jenifer Isabela Candido Silva – Americana, 2024.

50f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda) - - Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato

1. Comportamento do consumidor 2. Cultura e sociedade 3. Moda - história. I. SILVA, Jenifer Isabela Candido II. ROMANATO, Daniella III. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi

CDU: 658.89

316.7

687.016(091)

Elaborada pelo autor por meio de sistema automático gerador de ficha catalográfica da Fatec de Americana Ministro Ralph Biasi.

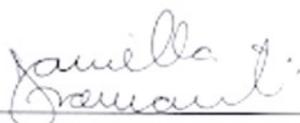
JENIFER ISABELA CANDIDO SILVA

A VALORIZAÇÃO DA MODA PRETA

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda em 2024 pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/ Americana.

Data de aprovação: 17/06/2024

Banca Examinadora:



Daniella Romanato (Presidente)

Mestre

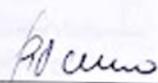
Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Maria Adelina Pereira

Mestre

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



João Batista Giordano

Doutor

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe e tias, que sempre me incentivaram e me apoiaram nessa caminhada dos estudos e não me deixaram desistir, desejo a elas gratidão por tudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter chegado até aqui e a mim mesma por ter sido resistente nessa batalha, agradeço também minha família, amigos, colegas de sala e professores que fizeram essa trajetória ser importante, só desejo gratidão a todos que foram envolvidos diretamente e indiretamente nesse trabalho.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de têxtil e moda, tem como objetivo valorizar a cultura negra desde o passado, buscando, através dos principais movimentos negros, as histórias daqueles que conquistaram seu espaço na indústria da moda como designers, modelos, e na classe artística (como influenciadores visuais), pois não se pode conquistar um espaço no presente, sem conhecer as lutas do passado. Neste sentido, pretende-se pensar na maneira de ampliação da valorização de pessoas pretas atualmente, buscando história de lutas bem-sucedidas. A negritude não habita somente na África e na estética da cultura africana, também pode estar em qualquer pessoa negra que tenha atitude reconhecida por todos. Desta forma, a pesquisa buscou a valorização da trajetória dessas pessoas do passado para ampliar suas conquistas no futuro. Além disso, será demonstrado que a moda negra poderá ter referências africanas ou não, mostrando outros elementos que são característicos da moda preta atual.

Palavras-chaves: Cultura negra; Moda preta; Valorização.

ABSTRACT

This final work for the textile and fashion course aims to value black culture from the past, seeking, through the main black movements, the stories of those who conquered their space in the fashion industry as designers, models, and in the artistic class. (such as visual influencers), as you cannot conquer a space in the present without knowing the struggles of the past. In this sense, we intend to think about how to increase the appreciation of black people today, seeking history of successful struggles. Blackness does not only exist in Africa and in the aesthetics of African culture, it can also be found in any black person who has an attitude recognized by everyone. In this way, the research sought to value the trajectory of these people from the past to expand their achievements in the future. Furthermore, it will be demonstrated that black fashion may or may not have African references, showing other elements that are characteristic of current black fashion.

Keywords: Black culture; Black fashion; Valuation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Thomas L. Jennings	12
Figura 2 – Elizabeth Keckley e Mary Lincoln usando uma de suas criações e outra em um museu.....	13
Figura 3 – Ann Cole Lowe em seu ateliê e Jacqueline Kennedy em seu casamento	14
Figura 4 – Ann Cole Lowe em seu ateliê e Jacqueline Kennedy em seu casamento	15
Figura 5 – Zelda Valdes e suas criações	15
Figura 6 – Afro-americano no século XIX.....	16
Figura 7 – Rei Bansah, líder de um povo de Gbi, e o rapper Slick Rick	17
Figura 8 – Josephine Baker e a moda na década de 1920	18
Figura 9 – Zoot suits.....	19
Figura 10 – Billie Holiday e Ella Fitzgerald em 1947	19
Figura 11 – Ray Charles	21
Figura 12 – Aretha Franklin	22
Figura 13 – James Brown com figurinos de palco.....	23
Figura 14 – Panteras Negras e o <i>Black Power</i>	24
Figura 15 – Episódio do <i>soul Train</i> em 1974 e os <i>Jackson Five</i> se apresentando em 1973	25
Figura 16 – Expressões do Hip Hop.....	26
Figura 17 – Run-DMC no Madison Square Garden (1986).....	27
Figura 18 – A moda hip hop na década de 1990 e atualmente	27
Figura 19 – Al Jolson no filme “O cantor de <i>jazz</i> ”	28
Figura 20 – Richard Roundtree como “Shaft” (1971) e Grace Jones como “Bond girl” (1985).....	29
Figura 21 – Dorothea para Dior; Helen para Bulova; Donyale na Harper’s Bazaar...	30
Figura 22 – Grace Jones para Essence Magazine (1970), na capa de seu disco (1981) e vestida por Alaïa (1985)	31
Figura 23 – Capas da Essence com Bethann (1970) e com Iman (1981); Naomi com as “super models” na Vogue (1990) e Alek na Elle (1998).....	32
Figura 24 – Diane Dixon para Dapper Dan (1989) e Tupac Shakur para Karl Kani (1994).....	34
Figura 25 – Off White	35
Figura 26 – Yeezy	36

Figura 27 – Tyler, The Creator em 2015 e a parceria com a Levi's em 2020.....	37
Figura 28 – Surfwear, skatewear e breakwear	38
Figura 29 – Estilo <i>hip hop</i>	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Detalhes que compõem o estilo <i>hip hop</i>	39
---	----

SUMÁRIO

1	Introdução	11
2	A história da moda feita por negros	12
2.1	As designers negras do passado	13
3	Os principais movimentos negros que influenciaram a história da moda.....	16
3.1	Os ícones negros na música	17
3.2	Os ícones negros no cinema	28
3.3	As modelos negras nas capas de revista e nas passarelas	30
4	A moda preta atual.....	33
5	Elementos que representam a moda preta	38
6	Conclusão	42
	Referências	44

1 INTRODUÇÃO

Hoje, apesar da cultura negra já ter conquistado grande espaço, é preciso valorizar a cultura do passado, buscando histórias de lutas bem-sucedidas, de pessoas negras¹ que conquistaram seus espaços na moda seja como artistas (influenciadores), designers ou modelos, pois não se pode conquistar um espaço no presente, sem conhecer as lutas do passado.

Neste sentido, é preciso pensar em como ampliar a valorização de pessoas pretas² na moda atualmente? Uma hipótese é buscar histórias de lutas bem-sucedidas, de pessoas negras que conquistaram seus espaços na moda, seja como artistas (influenciadores), designers ou modelos.

A negritude não habita somente na estética da cultura africana; ela pode estar em qualquer pessoa negra que tenha atitude reconhecida por todos.

Desta forma, esta pesquisa se justifica pela valorização da trajetória destas pessoas do passado para ampliar suas conquistas no futuro. Para isto, este trabalho de conclusão de curso terá sua pesquisa baseada em livros, artigos e sites especializados no assunto, visando aprofundar as pesquisas sobre a história da moda feita por pessoas negras, explorando a trajetória de artistas (influenciadores), designers e modelos negros do passado e do presente através dos principais movimentos negros que influenciaram a história da moda. Além disso, será demonstrado que a moda negra pode ter referências africanas³ ou não, ilustrando quais outros elementos são característicos da moda preta atual.

¹ Neste trabalho, quando falar de “pessoas negras”, será uma referência ao passado.

² Neste trabalho, quando falar de “pessoas pretas”, será uma referência ao presente.

³ Cabe aqui lembrar que, no caso das referências africanas, estas estão ligadas ao termo indumentária (uso do vestuário relacionado a épocas e povos), e não a moda (incorporação de novos modelos e tendências).

2 A HISTÓRIA DA MODA FEITA POR NEGROS

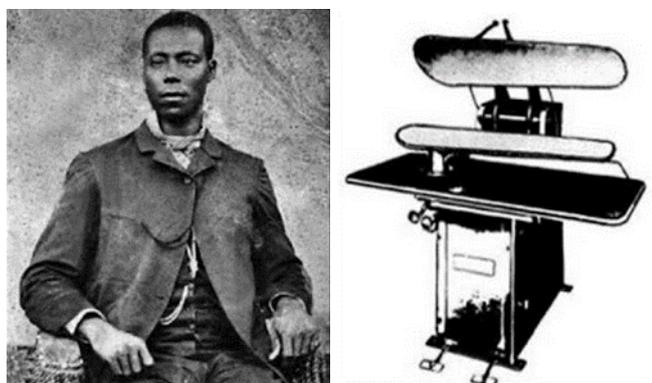
Que a moda é um espaço predominantemente branco, não é uma novidade. Quando falamos em mercados ainda mais selecionados, como semanas de moda e *red carpets*, o número de presença de negros torna-se ainda menos representativa - tanto do lado dos consumidores como para os criadores. (ELEUTÉRIO, 2021)

Antes de falar sobre moda, é importante destacar que os negros fora da África, incluindo os escravizados, criaram e aprimoraram muitas coisas existentes no cotidiano, mas tiveram que percorrer um longo caminho até serem devidamente reconhecidos.

No caso de criações ou invenções, de acordo com Garcia (2020), o reconhecimento se dá por meio de uma patente⁴, que teve seu sistema implantado oficialmente nos Estados Unidos em 1787, mas este não estava aberto aos afro-americanos nascidos de escravos, pois não eram considerados cidadãos. Com isso, o primeiro inventor negro conhecido a conseguir uma patente foi Thomas L. Jennings, de Nova York, em 1821, com a invenção de um processo de limpeza de lavagem a seco.

Começou sua carreira como alfaiate e, eventualmente, abriu uma das principais lojas de roupas de Nova York. Inspirado pelos pedidos frequentes de conselhos de limpeza, começou a pesquisar soluções de limpeza. Tinha 30 anos quando recebeu uma patente para um processo de limpeza a seco. Tragicamente, a patente original foi perdida em um incêndio. Mas o processo de Jennings era conhecido por usar solventes para limpar a roupa. Seu processo, atualmente, é conhecido como "limpeza a seco". (MOURA, 2018)

Figura 1 – Thomas L. Jennings



Fonte: MOURA, 2018.

⁴ Patente é um título de propriedade temporária sobre uma invenção ou modelo de utilidade, outorgado pelo Estado aos inventores ou autores ou outras pessoas físicas ou jurídicas detentoras de direitos sobre a criação. (INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL, 2020)

2.1 As designers negras do passado

Como explicado, percebe-se que foi nos Estados Unidos que surgiram os primeiros negros reconhecidos por suas criações, inclusive na moda.

O ato de vestir no século XIX era muito significativo para os estadunidenses negros, como aponta a socióloga Diana Crane (2006 apud Almeida, 2020, p. 67):

A apresentação pessoal dos negros nos espaços de sociabilidade era um momento muito importante, estar bem-vestido na igreja aos domingos era uma tradição e servia para construir uma imagem de homens, buscando acabar com a percepção de que eles eram apenas animais utilizáveis no mundo do trabalho e descartáveis quando fosse conveniente.

Neste sentido, Carollee (2021) destaca quatro mulheres, as primeiras designers negras da moda, que estiveram no auge de suas carreiras entre os anos de 1860 e 1960:

- Elizabeth Hobbs Keckley (1818–1907), que nasceu escrava na Virgínia, mas com pura determinação, uma rede de apoiadores e valiosas habilidades de costura, ela comprou sua liberdade, foi para Washington DC, onde estabeleceu seu negócio de costura, no qual atendia clientes da elite norte-americana, como Mary Todd Lincoln (esposa do presidente Abraham Lincoln, que governou de 1861 a 1865). “De acordo com Elizabeth Way, historiadora e curadora do *The Museum no Fashion Institute of Technology*, Keckley fez de 16 a 17 vestidos na primeira primavera em que trabalhou para Lincoln” (Carollee, 2021). Algumas de suas criações para a primeira-dama estão preservadas em museus.

Figura 2 – Elizabeth Keckley e Mary Lincoln usando uma de suas criações e outra em um museu



Fonte: BURHOLT, 2020.

- Fannie Criss Payne (1866 – 1942), nasceu livre de pais escravos, tendo sido listada como costureira no censo de 1900. No censo de 1902, segundo Carollee (2021), das 132 mulheres listadas como costureiras, 112 eram brancas e 20 negras. “Seu uso de materiais finos em vestidos lindamente desenhados e trabalhados lhe rendeu uma reputação de respeito entre a clientela predominante branca, em uma época que patrocinar negócios de propriedade de negros era algo inédito” (Carollee, 2021). Em janeiro de 1904, a revista *The Voice of the Black*, traçou o perfil de Payne: “A melhor costureira de Richmond, independentemente da cor, é a Sra. Fannie Criss Payne. Sua lista de clientes é composta pelas melhores famílias brancas de Richmond” (Carollee, 2021). Posteriormente mudou-se para Nova York, onde construiu um próspero ateliê de design de moda para mulheres negras ricas, estrelas da Broadway e atrizes de cinema.

Figura 3 – Ann Cole Lowe em seu ateliê e Jacqueline Kennedy em seu casamento



Fonte: PINTEREST, 2024.

- Ann Cole Lowe (1898 – 1981), neta e filha de costureiras, seguiu no mesmo ofício, continuando a fazer vestidos de festa para elite branca do Alabama até ser considerada uma das designers mais importantes da América, tendo sido responsável pelo vestido de noiva, e das madrinhas, do casamento de Jacqueline Bouvier, na época, a futura primeira-dama dos Estados Unidos, com o noivo John F. Kennedy, em 1953. “O vestido de noiva foi o mais fotografado e icônico da história americana e custou míseros \$ 500 considerando os altíssimos preços atuais” (Carollee, 2021).

Figura 4 – Ann Cole Lowe em seu ateliê e Jacqueline Kennedy em seu casamento



Fonte: PINTEREST, 2024.

- Zelda Barbour Wynn Valdes (1901 – 2001) foi uma estilista de moda e figurino, tendo suas criações usadas por artistas famosas como Mae West, Marlene Dietrich, Josephine Baker, entre outras, sempre com um estilo sensual, tanto que “em 1958, o fundador da *Playboy Magazine*, Hugh Hefner, contratou Valdes para projetar as primeiras fantasias da *Playboy Bunny*, que fizeram sua estreia (...) na noite de 29 de fevereiro de 1960” (Carolle, 2021).

Figura 5 – Zelda Valdes e suas criações



Fonte: PINTEREST, 2024.

3 OS PRINCIPAIS MOVIMENTOS NEGROS QUE INFLUENCIARAM A HISTÓRIA DA MODA

“Para compreendermos a moda vinculada a esse processo histórico, precisamos ter em mente a necessidade que um indivíduo possui em se representar, em se impor de maneira respeitável na sociedade em que habita” (Almeida, 2020, p. 67).

Como já mencionado, foi no século XIX que os negros norte-americanos iniciaram sua inserção na sociedade e para se destacarem ou se imporem, Diana Crane (2006 apud Almeida, 2020, p. 67) aponta que “a apresentação pessoal dos negros nos espaços de sociabilidade era um momento muito importante”, mas é preciso ponderar que, naquele momento, não existia um estilo próprio elaborado e consumido exclusivamente por negros”. Desta forma, no meio de uma sociedade racista, “a estratégia dos negros para alcançar a respeitabilidade almejada era imitar os signos de distinção daqueles que estavam em uma posição superior. Perceba que essa imitação não era feita com base na simples admiração ou aceitação de que a comunidade negra era inferior”, mas sim “a necessidade que um indivíduo possui em se representar, em se impor de maneira respeitável na sociedade em que habita”.

Figura 6 – Afro-americano no século XIX



Fonte: ALMEIDA, 2020, p. 67.

Neste contexto, Almeida (2015, p. 24) afirma que, para a sociedade negra norte-americana, a aparência sempre foi uma questão importante, que “atravessou o Atlântico e, juntamente com outras práticas culturais, acabaram adquirindo novos significados após o doloroso processo de colonização”. Stuart Hall (2003 apud Almeida, 2015, p. 24) destaca que “o corpo é, frequentemente, utilizado pelas culturas africanas como uma tela onde podem expor aquilo que sentem, muitas vezes como o único capital cultural que possuem”.

Desta forma, os adornos corporais, as joias e demais adereços já eram peças importantes na identificação de cada povo africano, e estas peças, com uma nova roupagem, continuaram a ser fundamentais neste visual que hoje é reconhecido no movimento do Hip Hop.

Figura 7 – Rei Bansah, líder de um povo de Gbi, e o rapper Slick Rick



Fonte: PINTEREST, 2024.

3.1 Os ícones negros na música

No cenário norte-americano, de acordo com Cherubini (2024), a partir do século XVII, devido ao aumento das plantações de algodão, começam a chegar os negros escravizados que, enquanto trabalhavam, entoavam cantos e lamentos que deram origem ao *Blues* (termo que significa um estado de tristeza e melancolia).

Segundo Aidar (S/d), “depois da abolição da escravidão no país em 1863, os negros aproximam-se dos instrumentos ocidentais e ocorre uma mescla de culturas, melodias e ritmos”. Desta forma, mais tarde, em torno de 1890, principalmente na região de Nova Orleans, da combinação de ritmos como o *blues*, surge o *jazz*.

De acordo com Costa (2023), a música popular era dominada por artistas brancos, mas “o *jazz* foi uma das primeiras formas de música popular a ser criada e liderada por artistas negros” e se tornou o principal caminho para que os negros se destacassem e mostrassem seu talento ao mundo, quebrando barreiras raciais e desafiando as normas sociais da época, principalmente por ser uma forma de expressar suas opiniões políticas e sociais.

“A geração anterior foi morta na guerra e havia uma atitude imprudente no ar”, diz Nothdruff. E assim como o gênero musical que lhe emprestou o nome, a era do jazz era cheia de espontaneidades rebeldes, improvisação e vanguarda. “O jazz era a música dos anos 20 e os ritmos e batidas da música permeiam o visual”. (Baker, 2018)

No universo da moda, segundo Ribeiro e Schemes (2011, p. 47), no vestuário feminino, após a 1ª Guerra Mundial, emerge um sentimento de prosperidade e liberdade, “animada pelo som das *Jazz -Bands* e pelo charme das melindrosas, as mulheres modernas da época, que frequentavam os salões e traduziam em seu comportamento e modo de vestir o espírito da época”. A principal representante desta revolução foi Josephine Baker (1906-1975), que “adaptou um jeito inovador e excêntrico de dançar *jazz*, baseando-se nos movimentos frenéticos do Charleston, vestida somente com uma pequena saia de penas ou bananas”. Este estilo influenciou a moda da época, que deixou para trás as silhuetas apertadas por espartilhos, e trouxe a silhueta reta, com vestidos curtos, leves e franjados, com braços e costas à mostra, que facilitavam os movimentos da dança.

Figura 8 – Josephine Baker e a moda na década de 1920



Fonte: PINTEREST, 2024.

Neste mesmo sentido, como já mencionado, o terno já era usado por negros como um importante elemento para inclusão social, mas, de acordo com Rainho (2021), como “o *jazz* era uma música vibrante e contagiosa, de movimentos bruscos que desafiavam a cadência e o gingado sobretudo das pernas”, iniciou-se uma busca por um traje “que fosse ao mesmo tempo elegante e que tivesse um corte confortável e espaçoso para favorecer as danças”. Assim, no final da década de 1930, surgem os *zoot suits*, que eram compostos por calças largas e paletós com tamanho *over size*, tornando-se o traje oficial dos homens do *jazz*.

Figura 9 – Zoot suits



Fonte: RAINHO, 2021.

No quesito elegância, as grandes divas do jazz, Billie Holiday (1915-1959), que gravou seu primeiro disco em 1933, e Ella Fitzgerald (1917-1996) que iniciou sua carreira em 1935, ficaram conhecidas por seus estilos impecáveis.

Segundo Soares (2021), Billie Holiday tinha um estilo próprio, em que, mesmo longe dos palcos, usava casacos de pele e óculos escuros com armações cravejadas de brilho; já em suas apresentações, sempre usava gardênia usada no cabelo, uma de suas marcas registradas, além de, quase sempre, usar longas luvas, que, poucos sabiam, tinham a função de esconder as marcas de agulha nos braços, deixadas pelo uso de heroína. Já Ella Fitzgerald, segundo Pedagogia & Comunicação (2005), sofreu preconceito por parte do gerente do Apollo, que a considerava muito feia, além de ter um corpo mais robusto, para merecer destaque, mas, devido a seu talento incontestável, foi contratada pelo baterista Chick Webb como cantora titular de sua orquestra. O decote 'V' e saia plissada se tornaram a marca das produções da diva do jazz.

Figura 10 – Billie Holiday e Ella Fitzgerald em 1947



Fonte: RAINHO, 2021.

O ritmo do *soul*, segundo Pontes (2020), surgiu da população afro-americana no final dos anos 1950, com o mix entre os gêneros musicais do *jazz*, R&B (*Rhythm and Blues*, considerado “primo do *jazz*”), *gospel* (uma palavra do inglês antigo considerada uma supressão das palavras “Go(d)”, que significa Deus e “Spell” que indicava o ato de anunciar algo, “evangelho”, portanto, refere-se a um estilo tocado em cultos), resultando em um ritmo mais dançante. Além disso, o período entre as décadas de 1950 e 1960, são o auge da segregação racial nos Estados Unidos, e o *soul*, por meio de músicas animadas acompanhadas de palmas ritmadas, acabou tornando-se “um grito de guerra contra o racismo e genocídio das pessoas negras”, “uma resistência contra a opressão branca, reafirmando o orgulho negro da população”.

Ray Charles misturou divino e mundano em estilo único e, nesta mistura de gêneros, de acordo com o site Primeiros Negros (S/d.), Ray Charles (1930-2004) é “frequentemente chamado de “pai” da *soul music*”, em que ele mesmo teria declarado “do casamento do *gospel* com o *Rythm & Blues* (R&B) nasceu um bebê chamado *soul*”. Esta abordagem inovadora o tornou “uma das figuras mais influentes na música negra norte-americana”.

O músico se tornou reconhecido em 1952, quando assinou contrato com a gravadora Atlantic Records e gravou a canção “I Got A Woman”. Ray passou a transformar as composições de gênero *gospel* em letras que saíam diretamente de sua alma. Certa vez, ele declarou: “Eu fui bastante bombardeado porque algumas pessoas achavam que eu era uma espécie de abominação da igreja. Mas aí as pessoas começaram a perceber. ‘O homem apenas está cantando o que ele sente. Ele tem que cantar do jeito que ele sente’. Foi aí que eu parei de tentar cantar como os outros”. (Antena 1, S/d.)

“Aos 6 anos, Charles perdeu a visão por completo. Suspeita-se que ele tenha sido vítima de glaucoma – aumento de pressão dentro dos olhos” (Antena 1, S/d.), mas este fato não prejudicou no desenvolvimento de seu talento, nem em sua capacidade de escolha de seus figurinos. Para não impactar seu público por sua cegueira, uma das principais características de seu estilo, que gerou modismos, foram seus óculos escuros, que tornaram-se parte fundamental de sua imagem. “Ele usou vários estilos de armações ao longo de sua vida, mas talvez os mais reconhecíveis sejam aqueles com braços grossos, armações pretas ou de tartaruga e lentes coloridas” (Sarna, S/d.).

Além dos óculos escuros, Ray Charles também influenciou no estilo de vestir dos artistas que viram em sua sequência, usando roupas chamativas que o destacavam enquanto tocava piano. “Charles era conhecido por seu traje de palco chamativo, com seu visual característico muitas vezes incluindo um elegante smoking, camisa com babados e gravata borboleta” (Country Music Hall of Fame, S/d.).

Figura 11 – Ray Charles



Fonte: PINTEREST, 2024.

Dentre as mulheres que se destacaram no gênero do *soul* e na moda está Aretha Franklin (1942-2018), que, como Ray Charles, iniciou cantando em igrejas ainda criança, sendo, posteriormente, considerada a “rainha do *soul*”, que teve seu primeiro sucesso já em seu primeiro disco, gravado em 1961. “O lançamento de “I Never Loved A Man (The Way I Love You)” (1967) levou Aretha para o topo do mercado fonográfico. Logo se tornou impossível falar sobre soul, gospel e R&B sem mencionar Aretha Franklin” (Instituto Todos os Cantos, 2023).

Em 2021 foi lançado o filme “Respect: A História de Aretha Franklin”, que teve o figurino criado por Clint Ramos (apud Lima, 2021), que declarou que “*Franklin podia revelar tanto vulnerabilidade quanto senso de desafio com suas roupas*”, ou seja, “*de certa forma, as roupas para ela eram uma forma de expressar suas emoções, não necessariamente uma personalidade ou um senso de estilo*”. Na pesquisa visual feita por Clint, foi percebido que ela tinha um corpo curvilíneo, adquirido ao longo da idade, mas “*ela entendia sua sensualidade, entendia seu corpo e não se desculpava por isso*”. Desta forma, se tornou uma defensora de mulheres com curvas, tanto que, ainda nas décadas de 1970 e 1980, de acordo com Clint, ela teria ido atrás de Calvin Klein e Valentino e dito a eles “*vocês precisam fazer roupas maiores*”.

Ainda de acordo com Lima (2021), as peças icônicas da cantora eram os casacos de pele sobre os vestidos sofisticados e a bolsa que nunca saía do seu lado, nem nos palcos, provavelmente, devido ao fato de receber seu cachê em dinheiro vivo, como foi o exemplo de quando se apresentou no Kennedy Center Honors, em 2015, em que sua bolsa estava em cima do piano.

Figura 12 – Aretha Franklin



Fonte: PINTEREST, 2024.

Em outra mistura de ritmos, agora entre o *jazz*, o R&B e o *soul*, nasceu o *funk*, também nos Estados Unidos, no início dos anos 1960.

James Brown, também chamado de *Goodfather of soul* (G.F.O.S.) (traduzido do inglês, padrinho do *soul*), também é considerado o “pai do *funk*” ao lançar o disco *Live at the Apollo* (1963), que, segundo Campos (2021), teria sido o “responsável pelos primórdios do *funk* na indústria musical. Brown continuou trabalhando no ritmo, e foi com “*Cold Sweat*” que o cantor atingiu a primeira posição nas paradas R&B, além da canção ser considerada a primeira música *funk*”. No início, de acordo com Dantas (S/d.), “o estilo era considerado indecente, pois a palavra “*funk*” tinha conotações sexuais na língua inglesa” (*Fuck* ou *Fucking*, que significa “fazer sexo”). Com esta música vigorosa e dançante, Brown, além de cantar, era um exímio dançarino, lançando um estilo de se apresentar nos palcos, que não poderia deixar de lado a preocupação com seu figurino, obviamente, extravagante e performático.

Segundo Fearon (2020), o guarda-roupa de Brown era uma grande mistura extravagante, sendo na década de 1960 composto por camisas de Oxford elegantes cheias de babados com gravatas-borboleta misturado com ternos *skinny* de cetim e coletes trespassados, finalizado com óculos escuros pretos.

Na década de 1970, auge do *funk*, Brown vestiu seu ritmo com uma explosão de ternos de cetim (no verão) ou veludo (no inverno) em cores vivas e lapelas enormes, além das calças boca de sino, típicas dos anos 1970, os macacões ousadamente decotados, coletes sobre a pele sem camisa, capas grandes, as botas de salto cubano, óculos de sol extravagantes e o lenço estampado amarrado no pescoço.

Figura 13 – James Brown com figurinos de palco



Fonte: PINTEREST, 2024.

Como já mencionado, a década de 1960 foi o auge da segregação racial nos Estados Unidos, tendo as leis “Jim Crow”, que serão abordadas no capítulo seguinte, sido revogadas em 1964, porém, a violência contra os negros perdurou. Sendo assim, em 1966, segundo Ribeiro (2023), Huey P. Newton e Bobby Seale fundaram nos Estados Unidos o partido político e social negro dos Panteras Negras (que durou até 1982), com “o objetivo de combater a violência policial e a opressão racial, além de promover a igualdade de direitos para os afro-americanos”. Defendiam o lema “*Black Power*” (do inglês, Poder Negro), e, de acordo com Erlea (2020), adotaram o punho erguido como um de seus símbolos, além de um tipo de uniforme composto por: “óculos de sol, calças tipo aviador, botas e jaquetas de couro pretas, camisa azul-bebê (ou um suéter preto de gola alta) e uma boina preta sobre o cabelo natural”. Desta forma, os Panteras Negras “lutando pela liberdade dos cidadãos negros, causaram mudanças nos padrões estéticos”.

Segundo Erlea (2020), um dos motivos para adoção desta estética foi para afastar a estética africana com seus tecidos estampados, pois estes estavam sendo comercializados “por corpos considerados usurpadores oportunistas de culturas”, descaracterizando a cultura originalmente africana.

“Ao se afastarem do simbolismo têxtil africano e aceitarem a performatividade como parte de suas estratégias, os Panteras Negras conseguiram se fixar na memória coletiva mundial” (Erlea, 2020). Além disso, com esta atitude, eles conseguiram transformar “itens de vestuário e gestos em símbolos atemporais da luta por direitos civis e da história da população negra nas américas”.

Figura 14 – Panteras Negras e o *Black Power*



Fonte: ERLEA, 2020.

Outra contribuição importante do movimento dos Panteras Negras foi para o empoderamento feminino. Segundo Martins (2016), apesar de muitas mulheres permanecerem à sombra dos homens, elas não tinham um traje específico como os homens, mas também adotaram uma estética composta por blusas com golas altas, minissaias, óculos escuros, um mix de anéis e pulseiras e o famoso penteado “*Black Power*”. “Diferente dos anos 1950, quando se buscava a eliminação da ondulação, na década de 1960 e 1970 procurava-se dar ao cabelo uma aparência “natural”, pois passou a ser usado sem alisamento e em tamanho maior”. Desta forma, “descartando as perucas e cabelos alongados e adotando os penteados afro-naturais, o público negro feminino ajudava a fortalecer o slogan “*Black is Beautiful*”, enquanto desafiava a população”.

Na propagação desta estética, o programa de televisão “*Soul Train*”, que foi ao ar de 2 de outubro de 1971 a 25 de março de 2006, ao apresentar artistas do *soul*, “serviu de binóculo para a negritude” como afirmou White-Grier (2023). “Em plena era do *Black Power* e alimentando-se do movimento pelos direitos civis, “*Soul Train*” proporcionou uma nova oportunidade para os negros se verem e celebrarem a si próprios”.

Dyana Williams, veterana do rádio e da indústria musical, em entrevista à CNN (apud White-Grier, 2023), contou que:

Ainda adolescente quando o programa foi ao ar pela primeira vez, Williams viu em primeira mão como ele se imprimiu instantaneamente na música, na moda e na cultura. “Deixe-me enviar-lhe minha foto afro”, Williams lembrou como o show ajudou a moldar a beleza e as escolhas de alfaiataria de sua geração. “(Usamos) todos os trajés.”

O “*Black Power*”, através da música, moda e símbolos visuais, incentivou a aceitação de uma ampla variedade de estilos, resgatando e promovendo a estética afrocêntrica como algo a ser celebrado, não suprimido. Ao mesmo tempo, um novo estilo de vestir também estava surgindo:

“A moda estava na moda”, disse Williams. “Foi uma combinação do tipo *boho hippie* com o nacionalismo negro... ‘*Soul Train*’ deu o tom para os jovens daquela época usarem o cabelo natural, usarem coletes, sapatos plataforma, calças boca de sino, vestidos maxi longos. Então, nosso gosto pela moda, o cultivo veio claramente do ‘*Soul Train*’ e do resto da mídia que vimos.” (White-Grier, 2023)

Figura 15 – Episódio do *soul Train* em 1974 e os *Jackson Five* se apresentando em 1973

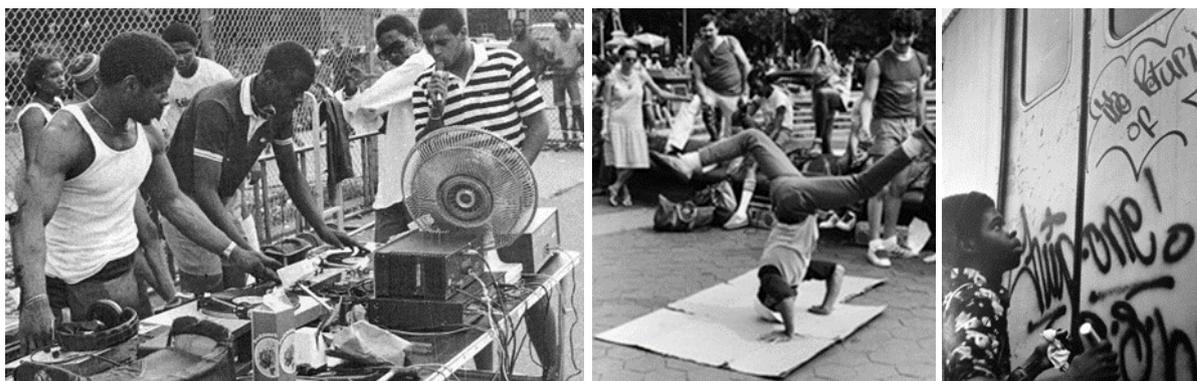


Fonte: WHITE-GRIER, 2023.

Apesar da notória ascensão da cultura negra, principalmente, através da música, ao longo dos anos de 1970, nos bairros periféricos de maioria negra, o contexto social ainda era de violência e criminalidade, sendo a rua a única forma de lazer para seus jovens.

Neste contexto, em Nova York, surge a cultura do *Hip Hop*, em que os jovens negros periféricos passaram a se expressar nas ruas através da música (rap) com seus MCs (Mestres de Cerimônias), da performance (*Disc Jockey* - DJ), da dança (*breaking*) e da arte gráfica (grafite).

Figura 16 – Expressões do Hip Hop



Fonte: PINTEREST, 2024.

Na música, assim como os outros ritmos, o *rap* surgiu da mistura do R&B, do *soul*, e do *funk*, que, segundo a revista Super Interessante (2016), eram usados como trilha sonora “para fazer discursos políticos sobre violência, sexo e problemas sociais”, inaugurando um estilo musical falado que combina ritmo e poesia. Neste estilo, segundo Damasceno (2023), os ritmos fazem parte das *pickups* dos DJs que conduzem os versos dos MCs.

Na moda, como visto, o programa *Soul Train* consolidou a moda negra americana nos anos de 1970, com um estilo sensual e, muitas vezes, extravagante, mas, com a chegada do movimento do *Hip Hop*, a moda precisou se adaptar para atender as necessidades dos dançarinos de *break*. Segundo Brito et al. (S/d.), “o estilo dos *breakers* sempre foi pensado para o conforto, então os *looks* eram muito voltados para roupas esportivas, de olho na mobilidade dos passos”. Neste sentido, de acordo com a revista *Veja* (2017), “o estilo também se presta maravilhosamente bem a estratégias de marketing”.

Foi já nos anos 1980 que os executivos da área perceberam o potencial publicitário do hip-hop. O ponto de virada foi um show histórico do grupo Run-DMC no Madison Square Garden – a primeira apresentação de rap na casa de shows mais importante do país – em 1986. Naquele dia, durante a música *My Adidas*, o grupo pediu que quem estivesse calçando um tênis da marca tirasse um dos sapatos e o erguesse. De repente, um mar de gente de 20.000 pessoas ergueu seus tênis de três listras sobre as cabeças. A cena atraiu a atenção dos donos da marca alemã, que na época amargava vendas baixas. Os executivos trataram de oferecer ao grupo uma linha própria de tênis, que logo se tornou um hit entre os jovens americanos, salvando a empresa da falência. Hoje, o grupo Adidas é um dos maiores de roupas esportivas do mundo. (Veja, 2017)

Figura 17 – Run-DMC no Madison Square Garden (1986)



Fonte: PINTEREST, 2024.

Desta forma, combinando a estética afrocêntrica, com a moda *soul* e *hip hop* surge um novo visual baseado em roupas esportivas confortáveis (que com o tempo se tornarão largas, como os jeans baggy e os casacos com capuzes), com as cores da África (vermelho, preto e verde) e os acessórios, como já citado na página 16, como joias douradas (chamados de *blings*⁵) e correntes penduradas na carteira.

Figura 18 – A moda hip hop na década de 1990 e atualmente



Fonte: PINTEREST, 2024.

Da moda do *hip hop*, mais tarde, vai surgir a moda *streetwear* que será abordada no capítulo 4.

⁵ "Bling-bling" por ser uma referência ao "som" das caixas registradoras antigas, indicando possuir uma vida abastada devido a incessante entrada de capital. Também se denomina 'Bling-Bling' o gênero de rap em que as letras notoriamente fazem menções a se ter fácil acesso a qualquer coisa que o dinheiro possa comprar.

3.2 Os ícones negros no cinema

Como visto, o *jazz* foi o primeiro movimento negro de grande repercussão, perdurando, inclusivo, até os dias de hoje.

Com isso, o *jazz* não pôde ser calado, e levou a cultura negra para as telas do cinema.

Enquanto os artistas negros eram do ramo musical, nem sempre seus rostos eram conhecidos, mas quando o tema chegou ao cinema na década de 1920, tornou-se um problema, pois não eram permitidos artistas negros.

Como já mencionado, neste período (1877-1964), no sul dos Estados Unidos, vigoravam as leis de segregação racial, conhecidas por leis Jim Crow, que exigiam instalações separadas para brancos e negros em todos os locais públicos, como escolas, bares, ônibus, bebedouros, além de proibir casamentos inter-raciais. Segundo Miranda (2018), a expressão "Jim Crow" teria surgido por causa "da canção *"Jump Jim Crow"* (1832), cantada e dançada pelo ator Thomas D. Rice, com maquiagem *blackface*, caricaturando os negros, (...) que tornou-se, em 1838, uma forma pejorativa de se referir aos negros".

Neste sentido, de acordo com o site do projeto Cine Movimento (2017), para reafirmar preconceitos contra os negros, a indústria cinematográfica adotou a estratégia de lançar filmes em que apareciam negros estereotipados através de "personagens caricatos relacionados à malandragem, à ladroagem, o estupro e à sujeira", gerando medo e repulsa.

Assim como Rice, em 1927 foi lançado o filme *"The jazz singer"* (O cantor de *jazz*), no qual o ator Al Jolson, um artista branco, também "atuava com o rosto pintado de preto e lábios exagerados delineados em branco" (Monge, 2019).

Figura 19 – Al Jolson no filme "O cantor de *jazz*"



Fonte: MONGE, 2019.

Para dar uma resposta a esta indústria branca, segundo o site do projeto Cine Movimento (2017), um grupo de negros passou a desenvolver filmes de baixo orçamento, os chamados *race pictures*, produzidos entre as décadas de 1920 e 1950, trazendo o protagonismo negro tanto como diretores ou como atores.

Na continuidade desta luta, segundo Caetano (2020), na década de 1970 surge outro movimento cinematográfico negro, o *Blaxploitation* (do inglês, *black* (negro) e *exploitation* (exploração)), com filmes de maiores proporções, como o famoso “Shaft” (1971), um detetive negro bem-sucedido, que também ajudou na construção da estética e da moda negra.

O movimento do *Blaxploitation*, também foi um marco na representatividade feminina quebrando padrões, que no cinema branco era, constantemente, ligada a uma figura sexual, ao mostrar uma mulher poderosa e heroica. Uma de suas principais representantes na década de 1970 é Tamara Dobson, estrela do sucesso “Cleopatra Jones” (1973). Outra figura que iniciou neste movimento e, depois, tornou-se uma diva negra é Grace Jones, que foi, inclusive, uma “Bond girl” no filme “007 - Na Mira Dos Assassinos” (1985).

Figura 20 – Richard Roundtree como “Shaft” (1971) e Grace Jones como “Bond girl” (1985)



Fonte: PINTEREST, 2024.

Estes movimentos foram os responsáveis pelo aumento da representatividade negra tanto na mídia quanto na cultura, após longos anos sendo excluídos por uma sociedade racista e preconceituosa. O cinema não é só uma forma educativa que ensina a sociedade, mas também tem os aspectos culturais e históricos que apresentam como a sociedade se comporta em certas épocas, o que pode contribuir para uma mudança social.

3.3 As modelos negras nas capas de revista e nas passarelas

Assim como no cinema, a indústria publicitária também resistiu ao aparecimento de pessoas negras em capas de revista, sendo raras, mas inevitáveis, naquelas que noticiavam o sucesso dos artistas de *jazz*.

Já no campo da moda, nesta luta por representatividade, a situação é mais problemática, pois, ao contrário do que aconteceu na música e no cinema, em que os negros conseguiram se destacar por um estilo próprio, no campo da moda os corpos negros foram vestidos e modelados pela cultura branca, o que foi negativo, como, por exemplo, a volta dos cabelos alisados, dentre outras coisas.

Oliveira (2020) relata os desafios passados por modelos negras, como Dorothea Towles Church, que se tornou uma modelo de passarelas famosa por ter chamado a atenção de Christian Dior em 1949, mas que em 1959, para ser capa da revista *Sepia*, o estilista teria pedido para que pintasse seu cabelo de loiro. Já Helen Williams Jackson, a primeira estrela da publicidade, ao perceber que “era muito escura para ser aceita” como modelo, foi para Paris em 1960, onde também trabalhou com Dior, mas, posteriormente, preferiu voltar aos Estados Unidos onde denunciou o racismo contra modelos negros para a imprensa, que resultou em uma reviravolta, que a tornou em uma das modelos mais requisitadas para figurar campanhas publicitárias de marcas famosas. Como capa de revista de moda, Donyale Luna foi a primeira, aparecendo na edição de janeiro de 1965 da *Harper's Bazaar* em forma de ilustração, e em junho com sua foto, mas também só foi reconhecida, de fato, na Europa.

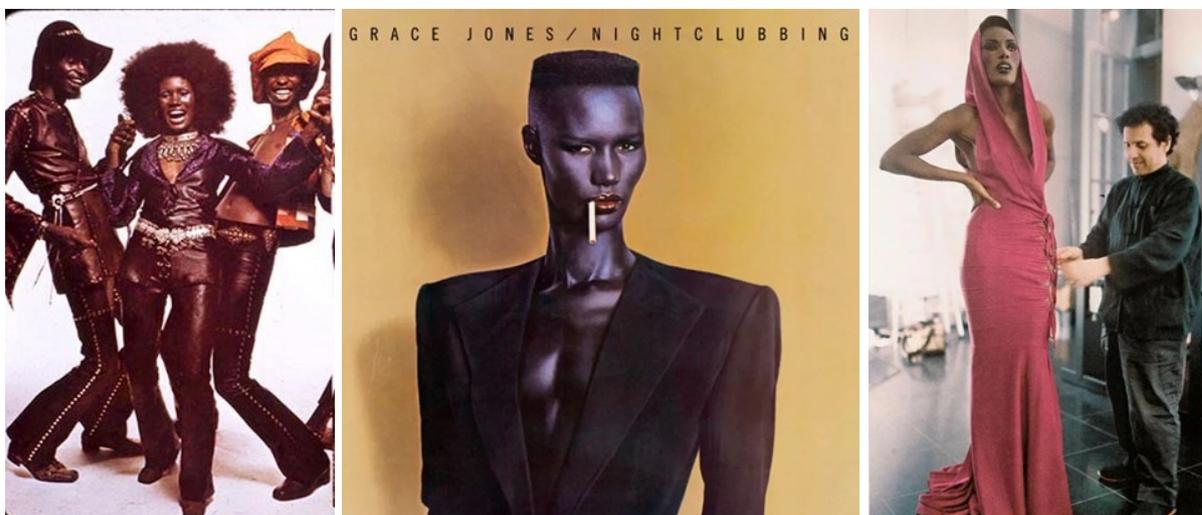
Figura 21 – Dorothea para Dior; Helen para Bulova; Donyale na Harper's Bazaar



Fonte: OLIVEIRA, 2020.

Ainda de acordo com Oliveira (2020), a já mencionada Grace Jones, apesar de, também, ter conquistado a fama na Europa na década de 1970, “é a maior representante do conceito Imagem+Atitude”, com “sua figura alta, negra e andrógina e que nunca se deixou moldar pela estética branca, caiu nas graças de Yves Saint Laurent, Claude Montana, Kenzo Takada e Azzedine Alaïa – que se tornou seu amigo”. Trabalhou como modelo até 1977, quando iniciou a carreira de cantora, mas nunca deixou de ser uma representante fashion, seja nas capas de seus discos, em filmes, ou em aparições, sempre divinas, e sempre representando o estilo negro raiz.

Figura 22 – Grace Jones para Essence Magazine (1970), na capa de seu disco (1981) e vestida por Alaïa (1985)



Fonte: PINTEREST, 2024.

Mas a indústria publicitária e de moda, de acordo com Victorian (2023), só mudaram de fato em 1988, quando as modelos Bethann Hardison e Iman se uniram para criar o “*Black Girls Coalition*” (Coalizão de Meninas Negras) com o objetivo de destacar as mulheres negras como modelos. O que elas não imaginavam é que estavam “lançando as bases para uma discussão sobre a diversidade na moda que continuaria por décadas” (tradução nossa). Segundo Oliveira (2020), em junho de 2010, Iman “recebeu o prêmio *Fashion Icon* do Conselho de Estilistas Americanos (CFDA), dado a ‘pessoas que criaram um estilo que influencia o mundo da moda’”.

Esta ação de Bethann e de Iman, abriram espaço para que, na década de 1980, uma modelo negra fizesse parte das chamadas “Super Models”, composto, inicialmente, por Naomi Campbell, Cindy Crawford, Christy Turlington e Linda Evangelista, que teriam sido os quatro rostos mais fotografados do mundo.

Mas, como já mencionado, apesar de exaltar a beleza negra, as publicidades e fotografias de moda não dava espaço para o estilo próprio desta cultura, que havia se destacado a partir dos anos de 1970. Neste sentido, segundo Oliveira (2020), “fugindo da estética vigente das mulheres negras com traços suave da indústria da moda, Alek Wek surgiu para quebrar padrões. Com uma beleza negra nascida na África, rosto redondo, bocão e careca”. Assim como as outras, ela também foi negada como modelo por diversas vezes:

Naquele ano, Alek conheceu o fotógrafo Gilles Bensinom, diretor de criação da Elle norte-americana. Era o melhor momento da publicação, quando se colocava na vanguarda da moda, desafiando os padrões estéticos da época. Criou-se uma parceria, com diversos trabalhos na revista, porém, as capas eram com modelos brancas. Um dia, a agente de Alek ligou para a o fotógrafo exigindo uma capa. Com forte oposição do pessoal de marketing que apresentavam pesquisas afirmando que as pessoas não comprariam revistas com mulheres na capa que não fossem brancas ou tivessem traços americanos ‘tradicionais’. Depois de muita insistência, Gilles conseguiu.

Ainda de acordo com Oliveira (2020), ao contrário do que diziam as pesquisas, “a edição vendeu absurdamente e praticamente todos os jornais e revistas dos Estados Unidos falavam sobre a capa, que desafiava um século de domínio de um tipo tradicional de beleza”, o que a tornou “a primeira Africana na capa de uma grande publicação de moda internacional”. A revista foi mundialmente elogiada e “quase todos diziam ter achado a foto da capa libertadora”.

Como dizia Marcos Garvery, ativista negro jamaicano que, na década de 1920, que iniciou uma discussão em torno dos processos de alisamento no cabelo que mulheres e homens enfrentavam para se adequar no padrão de beleza naquela época, é “necessário romper com padrões de beleza impostos pelos europeus e assim promover o encontro dos negros com suas raízes africanas” (Siqueira, 2021)

Figura 23 – Capas da Essence com Bethann (1970) e com Iman (1981); Naomi com as “super models” na Vogue (1990) e Alek na Elle (1998)



Fonte: OLIVEIRA, 2020.

4 A MODA PRETA ATUAL

Como visto, a trajetória da estética afro-americana foi se desenhando até conquistar um espaço próprio, principalmente pelos movimentos dos Panteras Negras e da *soul music*. Mas foi com o *hip hop* que esta estética ganhou o mundo através da moda *streetwear*. Nesse sentido, de acordo com Almeida (2020, p. 80), “a mídia desempenhou um papel fundamental para que o *hip hop* ganhasse os Estados Unidos e se espalhasse também pelo mundo”.

O *streetwear*, como já diz o nome, é uma moda que nasceu espontaneamente nas ruas, inicialmente influenciada pelas roupas usadas por surfistas e skatistas, que, assim como o *break*, necessitavam de peças mais resistentes e folgadas que favorecessem os movimentos destas práticas esportivas.

Nesse período, a escolha da indumentária se ligava muito à participação de cada indivíduo possuía no movimento. Para os dançarinos de *break*, a performance era o que conferia status entre o grupo, por isso as roupas escolhidas para as apresentações eram as de estilo atlético, que facilitavam a mobilidade e os identificavam em seu meio. Calças que remetiam a uniformes de equipes esportivas e camisetas justas eram os elementos mais utilizados. Além desses itens, recebiam também uma atenção especial os bonés que distinguiam e protegiam as cabeças durante as performances de dança no solo. (Polhemus, 1994 apud Almeida, 2020, p. 80).

Mas, de acordo com Kace (2020), foi quando “o *streetwear* se encontrou com o *hip hop* em Nova York, é que as coisas tomaram outras proporções. Naquele momento a cultura *hip hop* estava em evidência e muita das coisas que os artistas usavam caíam no gosto do público quase que instantaneamente”.

Com isso, como já mencionado no caso da Adidas (p. 25 deste trabalho), as marcas esportivas perceberam o fenômeno que estava surgindo e passaram a ser as maiores parceiras deste estilo.

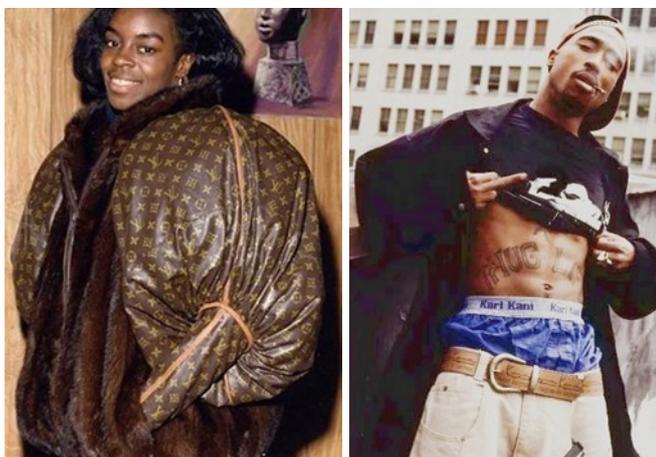
Apesar disso, ainda de acordo com Kace (2020), inicialmente, havia uma visão preconceituosa da moda *streetwear*, que resultava em uma resistência por parte das lojas em incluir peças deste estilo em seu mix de produtos, ocasionando a recriação de peças das marcas de grife à sua maneira. Desta forma, os pioneiros do *streetwear* “precisaram encontrar e criar sua própria forma de distribuir os seus produtos”.

Romero (2012) também destaca que a importância da moda para o universo hip hop está muito além da simples busca pela diferenciação de jovens habitantes das periferias urbanas. Segundo a autora, a criação de um estilo próprio ligado ao *hip hop* representou a emancipação dos negros em sua maneira de se vestir, pois, a partir de então, a indústria da moda se viu obrigada a voltar sua atenção para eles, enxergando-os como consumidores específicos. (Almeida, 2020, p. 79)

Neste cenário, surge Dapper Dan, que, segundo Barros (2017), abriu sua boutique em 1982 no Harlem, em Nova York, com criações próprias para atender ao estilo *hip hop*. Ficou famoso por customizar peças de couro (acessórios como bolsas e carteiras) de marca que tinham sua logomarca estampada, transformando-as em peças de roupa. “Uma das criações mais famosas durante esse período foi uma jaqueta bufante, de pele, com a estampa clássica da Louis Vuitton nas mangas. Criada para a atleta olímpica Diane Dixon em 1989”.

Neste mesmo ano, de acordo com Cruz (2012), Karl Kani, considerado “padrinho da moda urbana”, teria sido o “primeiro homem negro a lançar uma linha de *hip hop* da moda e se tornou um dos 100 africano-americanos mais ricos do mundo, em 1996, segundo a revista *People*”. Kani, ao observar “homens negros que, curiosamente, não compravam calças jeans justas e sim tamanhos maiores”, mas que ficavam caindo por ter a cintura larga, ficou famoso por desenvolver “uma linha que possui calças mais largas e que permanecem no lugar” (Prado, 2021). Esta peça se tornou a base para o estilo *streetwear*. “Em 2002 Kani foi homenageado com um “*Pioneer Award da Moda Urbana*” por suas realizações ao longo da vida durante os *Urban Fashion Awards*” (Cruz, 2012).

Figura 24 – Diane Dixon para Dapper Dan (1989) e Tupac Shakur para Karl Kani (1994)



Fonte: PINTEREST, 2024.

Em entrevista ao *Universa*, a jornalista nova-iorquina e autora do livro “*Free Stylin’: How Hip Hop Changed the Fashion Industry*” Elena Romero explica que antes da comercialização do rap as tendências giravam apenas em torno da população branca. Para criar coleções os estilistas buscavam inspiração nas ruas, mas, até a década de 80 a população urbana não era reconhecida como público. “O hip hop foi revolucionário porque forçou a indústria da moda a reconhecer o poder dos afro-americanos e dos latinos como consumidores”, afirma. (Furlani, 2018)

Atualmente a influência da moda *hip hop* é forte. “Se antes a moda hip-hop circulava os becos do Bronx e do Brooklin, bairros de Nova York onde o movimento tomou vida, hoje ela anda pelas passarelas e, cada vez mais, toma conta das ruas” (Furlani, 2018).

Nesta trajetória das passarelas, segundo Weber (2021), Virgil Abloh, que iniciou na moda em 2012, após anos de colaborações criativas e multimídia, culminaram na criação da marca *Off White*, considerada a pioneira no *streetwear* de luxo. Em 2018, Virgil é nomeado diretor artístico da linha masculina da Louis Vuitton, que se tornou o primeiro homem negro a ocupar o cargo. “Importante ressaltar que a Louis Vuitton é o carro-chefe do maior conglomerado de luxo do mundo, o LVMH⁶, tornando o feito ainda mais significativo”.

Figura 25 – Off White



Fonte: PINTEREST, 2024.

“Talvez o rapper norte-americano Kanye West tenha sido o primeiro a lançar – oficialmente – uma coleção inspirada no *streetstyle* do movimento *hip-hop* na Semana de Moda de Nova York em 2015” (Furlani, 2018).

⁶ LVMH Moët Hennessy Louis Vuitton SE, ou simplesmente LVMH é uma *holding* francesa especializada em artigos de luxo.

A relação do *rapper* com a moda, de acordo com Scolastrici (2022), surgiu em 2009 quando foi para Roma fazer um estágio na Fendi para se aprofundar no assunto. Nesta viagem, conheceu Virgil Abloh, que, nesta viagem, buscava “uma oportunidade para mostrar suas criações ao mundo”. Depois disso, os dois tornaram-se amigos, tendo o rapper nomeado Virgil “como diretor de criação artística da *Donda*, agência de conteúdo que carregava o nome de sua falecida mãe. Juntos eles produziram - visualmente e sonoramente - o álbum *Watch The Throne* (com Jay-Z), o qual rendeu uma indicação ao Grammy em 2012”.

“Após apresentar sua primeira coleção *Yeezy* em 2015, Kanye West solidificou de vez no mercado de luxo. Apesar da agenda lotada de shows, o estilista consegue conciliar e dirigir uma das marcas mais badaladas do *streetwear*” (Eleutério, 2021).

Figura 26 – Yeezy



Fonte: ELEUTÉRIO, 2021.

Um outro exemplo de *rapper* que criou sua própria marca, a *Golf Wang*, é o americano Tyler, *The Creator*. De acordo com site *The Game* (2020), a marca iniciou suas atividades em 2011 com um estilo multicolorido que “representava perfeitamente o jovem de 18 anos. Ela rapidamente se tornou o uniforme de sua base de fãs”. Ao longo de sua história, a marca passou a colaborar em diversos projetos com outras marcas como a *Vans* e a *Converse*, por exemplo. Em 2020, a lançou uma parceria com a *Levi Strauss & Co*, para uma edição especial da calça *Levi's 501'93* e da jaqueta *Vintage Fit Trucker*, que recebeu uma estampa de bolinhas coloridas nas cores do arco-íris, inspirada em uma estampa do desfile de 2016 da *Golf*.

Figura 27 – Tyler, The Creator em 2015 e a parceria com a Levi's em 2020



Fonte: PINTEREST, 2024.

Atualmente são muitas as marcas que trabalham, exclusivamente, com moda *streetwear* de luxo, como, por exemplo, destaca o site Etiqueta Única (S/d.), a nova iorquina *Supreme* (fundada em 1994 por James Jebbia) e as japonesas *Neighborhood* (fundada por Shinsuke Takizawa em 1994), *Bape* (fundada em 1993 pelo designer japonês Nigo) e *Ambush* (fundada em 2008 por Yoon Ahn e Verbal). Outras marcas de *streetwear* internacionais destacadas pelo site *Prince Of Streets* (2022) são *Anti Social Social Club* (criada por Neek Lurk, em Los Angeles em 2015), *Stüssy* (criada na década de 1980 por Shawn Stüssy na Califórnia), *Obey* (criada por Shepard Fairey), *Ripndip* (fundada em Orlando no ano de 2009, por Ryan O'Connor), *Palace* (fundada por Lev Tanju em 2009 em Londres), *Carhartt Wip* (fundada em 1994 como uma variação *streetwear* da marca Carhartt INC, de 1889). Mas o que se observa, é que por um lado fica clara a força deste estilo, por outro, percebe-se que apesar de muitas marcas, nenhuma das citadas neste trecho são fundadas ou dirigidas por pessoas pretas.

5 ELEMENTOS QUE REPRESENTAM A MODA PRETA

Indumentária e moda, como comunicação são fenômenos culturais no momento em que a própria cultura pode ser entendida como um sistema de significados, como as formas pelos quais as crenças, os valores, as idéias e as experiências de uma sociedade são comunicadas por meio de práticas, artefatos e instituições. (BARNARD, 2003. p. 64 apud Fonseca; Possari, 2010, p. 13).

Como percorrido nesta pesquisa, a moda preta, reconhecida mundialmente, é o *streetwear*, que nasceu nos movimentos esportivos que invadiram as ruas (skatistas, surfistas, breakers). Atualmente, cada um destes segmentos do *streetwear* apresenta características específicas, como por exemplo, no surf as estampas são mais tropicais, no skate é comum o uso de blusas de flanela xadrez, no *break* o uso de tênis específico e boné.

Figura 28 – Surfwear, skatewear e breakwear



Fonte: PINTEREST, 2024.

No caso do *streetwear*, caracterizado como uma moda preta, fortemente afirmada pelos cantores de *rap*, também tem características específicas.

O *look hip hop* poderia ser composto por vários elementos. Calças e jaquetas de couro preto, chapéus Fedora pretos ou chapéus Kangol, correntes e tênis Adidas. Boné de beisebol ou chapéus (e às vezes até outras peças de roupas) usados ao contrário, uniformes de basquete sobre camisetas e jeans (sempre) largos. Tudo isso permitia a identificação dos sujeitos pertencentes ao movimento, caracterizavam o típico vestuário *hip-hop*. (...) Muitos elementos fazem parte das atuais tendências: jeans, coletes, jaquetas, jaquetas *college*, bonés de aba reta, *sneakers* de salto alto – tendência inesquecível do ano de 2012 – e até mesmo os atuais *cropped*s. (Furlani, 2018)

Letielas (2023) lembra que “as tendências de moda criadas pela comunidade negra foram por muito tempo retiradas de seu povo e inseridas em pessoas brancas para serem vendidas como mais apropriado e fashionista”. Por isso, “creditar o que nasceu de mentes negras é fundamental, pois enquanto o universo da moda, dominado por brancos, se apropria e lucra com a cultura negra, a população preta, ao usar suas criações, é marginalizada e estereotipada negativamente”.

Desta forma, aqui foram selecionados os detalhes que melhor caracterizam a moda preta atual:

Tabela 1 – Detalhes que compõem o estilo *hip hop*

Cabelo	<i>Black Power</i>	Desde o movimento dos Panteras Negras, se tornou um símbolo de empoderamento negro.
	Trançado	As tranças, usadas desde as tribos africanas para amenizar o calor na cabeça, também foi adotado pelos negros afro-americanos, podendo trançar o próprio cabelo, ou acrescentando cabelo sintético para alongar.
	<i>Lace</i> (peruca)	Por muito tempo, muitos negros usaram produtos para moldar ou alisar os cabelos por opressão de uma estética branca, mas hoje as perucas se tornaram uma febre, possibilitando muitos penteados sem produtos químicos, podendo até ser liso, mas por vontade e não por imposição branca.
Cabeça	<i>Durag</i>	do inglês ‘do-rag’ que significa livre quer dizer que foi feita de “de trapos”.
	Chapéu <i>bucket</i> (balde)	Tipo de chapéu que brilhou na cabeça do rapper LL Cool J e que continua sendo usado até hoje.
	Chapéu Fedora	Inspirado no estilo dos gângsteres da velha guarda, como Al Capone, se traduziu em roupas mais elegantes como ternos de grife e acessórios mais extravagantes, como os chapéus de feltro.
	Boné	Usados para distinguir e proteger as cabeças durante as performances do <i>break</i> .
Acessórios	Correntes grossas	As correntes <i>Dookie</i> , são uma espécie de corrente de ouro com elos grossos amarradas como uma trança, que são um elemento básico do visual do <i>hip hop</i> .
	<i>Blings</i>	"Bling-bling" por ser uma referência ao "som" das caixas registradoras antigas, indicando possuir uma vida abastada devido a incessante entrada de capital.
	Óculos grandes	Os óculos escuros grandes e extravagantes fizeram parte da trajetória dos artistas negros americanos e se tornou um acessório, também, do <i>hip hop</i> , sendo os mais famosos os da marca Cazal (com aro quadrado) e o <i>Juliet</i> da Oakley (com lente espelhada).

	Unhas alongadas (postiças)	Na década de 60, a modelo Donyale Luna foi a primeira mulher negra a estar na capa da Vogue com suas unhas alongadas. Hoje existem várias técnicas para alongar as unhas, de forma mais resistente, possibilitando estilos cada vez mais longos e pontiagudos.
	<i>Grillz</i> (grade dentária)	No início dos anos 80, imigrantes do continente africano dos Estados Unidos estavam passando por momentos econômicos difíceis e ironicamente, o ouro era o material mais barato para substituir os dentes. Depois disso, tornou-se uma forma de empoderamento.
Blusas	Camiseta de basquete	O uso de peças do uniforme de basquete iniciou por influência do jogador Michael Jordan em 1985.
	<i>Cropped</i> (camiseta cortada)	Popularizada pela cantora Aaliyah nos anos 1990, que gera um visual mais sexy, casual ou elegante.
	<i>Hoodies</i> (blusa com capuz)	Criadas nos anos de 1930 para proteger trabalhadores de Nova York contra o vento e o frio, foi adotado por esportistas que praticavam esportes a céu aberto. Nos anos de 1970 os grafiteiros começaram a usar <i>hoodies</i> para proteger seu anonimato enquanto pichavam muros e vagões do metrô.
Casacos	Jaqueta <i>college</i>	<i>College</i> se refere aos uniformes usados pelos times universitários norte-americanos, foi adotado pelo estilo <i>hip hop</i> como outras peças esportivas também foram.
	Jaqueta <i>bomber</i>	Nascida no ambiente militar, sendo uma peça grossa e quente para proteger os pilotos de avião nas baixas temperaturas da altitude, foram adotadas pelos grafiteiros para se protegerem do frio das ruas.
	Casaco de couro	Desde o movimento dos Panteras Negras, é símbolo de elegância e resistência.
	Casaco <i>oversized</i>	As primeiras roupas largas foram criadas pelos dançarinos de <i>jazz</i> que precisavam de liberdade para seus movimentos.
	Logomania	O uso de roupas com logomarcas estampadas iniciou com as criações de Dapper Dan nos anos de 1980.
Calças	Calça <i>oversized</i>	Para dançar o ritmo do <i>jazz</i> e do <i>break</i> era necessário roupas mais largas para dar liberdade aos movimentos. Posteriormente, Karl Kani criou as calças jeans largas, mas que ficavam presas na altura do quadril.
	Calça de moletom	Como outras peças de uniformes esportivos, as roupas de malha são ideais para os movimentos do <i>break</i> e da <i>street dance</i> .
Sapatos	Tenis ou <i>Sneaker</i>	Desde o Air Jordan em 1985, os tênis ou <i>sneakers</i> (tênis raros usados principalmente por grandes famosos, designers <i>hypedos</i> e até mesmo artistas).
	<i>Loafers</i> (mocassim)	Por volta dos anos de 1950, os tênis ainda não eram autorizados dentro das escolas, então os estudantes adotaram os mocassins, servindo posteriormente de influência para diversas subculturas jovens.

Figura 29 – Estilo hip hop



Fonte: Da autora, 2024.

6 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber a extrema dificuldade que as pessoas pretas tiveram para conseguirem ganhar espaço entre as pessoas brancas, inclusive na indústria da moda, mas, na sociedade contemporânea, de acordo com Presta e Casagrande (2021, p. 31), “por meio da representatividade midiática e comunicacional, milhões de indivíduos podem sentir-se pertencentes a certos grupos, os quais integram de alguma forma – seja por meio de características físicas, comportamentais ou socioculturais”.

Neste sentido, se não fossem as referências negras e pretas vistas através dos meios midiáticos (música, cinema, televisão e revistas), como demonstrado ao longo deste trabalho, em seu livro “Na minha pele”, o ator Lázaro Ramos (apud Presta; Casagrande 2021, p. 32) “elucida o assunto e abre uma questão que paira sobre essa discussão”:

Se não existirem referências da cultura negra, ou se todas elas forem negativas ou por demais insignificantes, isso não impactará diretamente na nossa capacidade de sonhar, de nos sentirmos possíveis, de nos identificarmos com alguém? (Ramos, 2017, p. 52 apud Presta; Casagrande 2021, p. 32)

Com isso, percebe-se a importância de manter viva esta cultura e suas conquistas.

Djamila Ribeiro (2016) entende que é importante que a população negra ocupe espaços em que historicamente não esteve representada. Porém, a pesquisadora reforça a importância de que não basta ocupar os espaços e preenchê-los com a reprodução de lógicas e discursos de reafirmação de políticas preconceituosas que vão contra a população negra. Por isso, para a autora, é preciso ocupar os espaços, mas é necessário estar lá para modificá-los. (Presta; Casagrande 2021, p. 32)

Nossas referências da moda surgiram desde as designers negras no início do século XX com suas primeiras criações, na parte artística como a música e o cinema, na moda com modelos nas capas de revista, mas que no início foram extremamente desvalorizadas. Com o passar dos anos, pessoas pretas nestes meios conseguiram, finalmente, seus respectivos espaços na indústria da moda. Porém, atualmente, a moda que é feita e influenciada por pessoas pretas não é necessariamente utilizada por pessoas pretas, como visto no capítulo 4.

Além disso, marcas de *streetwear* de estilo *hip hop* que surgiram pelas mãos de pessoas pretas, atualmente são feitas, em maioria, por pessoas brancas, deixando-os, novamente, tomar a frente do espaço que foi tão difícil de conquistar.

Desta forma, devemos, através desta pesquisa, trabalhar a importantíssima questão da valorização da moda preta, atraindo mais pessoas pretas para essa área e ocupando esse espaço que temos direito conquistado.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. Jazz. S/d. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/jazz/> . Acesso em 05/2024.

ALMEIDA, Deyse Pinto de. A identidade construída pela aparência: a moda negra no contexto norte-americano. Revista Dobras, número 30, setembro-dezembro 2020. Disponível em <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1235/645> . Acesso em 01/2024.

ALMEIDA, Deyse Pinto de. Os diferentes papéis da moda no universo Hip Hop. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/7243/1/deysepintodealmeida.pdf> . Acesso em 05/2024.

ANTENA 1. Ray Charles. S/d. Disponível em <https://www.antena1.com.br/artistas/ray-charles> . Acesso em 05/2024.

BAKER, Lindsay. Como a era do jazz mudou para sempre a forma como nos vestimos. 21 fevereiro 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-43089701> . Acesso em 05/2024.

BARROS, Luiza. Dapper Dan: a história do estilista do hip hop que hoje inspira a Gucci. 2017. Disponível em <https://plataoplomo.com.br/dapper-dan-a-historia-do-estilista-do-hip-hop-que-hoje-inspira-a-gucci/> . Acesso em 05/2024.

BRITO, Carol; ARAUJO, Aimme; SOARES, Camila; BAHOC, Nicolay. Roupas, sobretudo os tênis, acompanham e influenciam cada passo dos breakers. S/d. Disponível em <https://brasamaq.com.br/a-coreografia-estetica-das-crews-de-breaking/> . Acesso em 05/2024.

BURHOLT, Eleanor. 1818-1907 – Elizabeth Keckley. 24 de julho de 2020. Disponível em <https://fashionhistory.fitnyc.edu/1818-1907-elizabeth-keckley/> . Acesso em 04/2024.

CAETANO, Michelle S. Shaft e o movimento blaxploitation: a emergência do protagonismo negro nos anos setenta. In: XIII Encontro Estadual de História. História e mídias: narrativas em disputa. 15 a 18 de setembro de 2020. Disponível em https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1594937680_ARQUIVO_94853d0c1b26dd67001b67b0f9494a35.pdf . Acesso em 05/2024.

CAMPOS, Vitória. Relembre a trajetória de James Brown, maior ícone do funk e soul. 03/05/2021. Disponível em <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/relembre-trajetoria-de-james-brown-o-maior-icone-do-funk-e-soul-flashback/> . Acesso em 05/2024.

CAROLLEE. Conheça as pioneiras designers negras de moda. 2021. Disponível em <https://carolsociety.com.br/pioneiras-designers-negras-de-moda/#:~:text=Elizabeth%2C%20Fannie%2C%20Anne%20e%20Zelda,anos%20de%201860%20a%201960>. Acesso em 01/2024.

CHERUBINI, Angelo. História do blues: descubra como surgiu esse gênero musical. 22/10/2024. Disponível em <https://www.terra.com.br/diversao/musica/historia-do-blues-descubra-como-surgiu-esse-genero-musical,6c31f80eabb502657445e421261a61474jthodfy.html> . Acesso em 05/2024.

CINE MOVIMENTO. As Race Pictures e o cinema negro silencioso. 23/05/2017. Disponível em <https://cinemovimento.wordpress.com/2017/05/23/race-pictures-o-cinema-negro/#:~:text=Estes%20filmes%2C%20conhecidos%20como%20race,uni%C3%A3o%20e%20luta%20por%20direitos>. Acesso em 05/2024.

COSTA, Rafael. Descubra o Impacto do Jazz no Movimento dos Direitos Civis. 19/08/2023. Disponível em <https://escolhendobem.com.br/transforme-se-ao-descobrir-o-impacto-poderoso-do-jazz-nos-direitos-civis/#:~:text=A%20ascens%C3%A3o%20do%20jazz%20permitiu,as%20normas%20sociais%20da%20%C3%A9poca> . Acesso em 05/2024.

COUNTRY MUSIC HALL OF FAME. Descubra Ray Charles. S/d. Disponível em <https://www.countrymusichalloffame.org/learn/teacher-resource-portal/social-studies/discover-ray-charles> . Acesso em 05/2024.

CRUZ, Célia. Estilista negro faz história e ninguém conta! KARL KANI! 17/10/2012. Disponível em <https://www.geledes.org.br/estilista-negro-faz-historia-e-ninguem-conta-karl-kani/> . Acesso em 05/2024.

DAMASCENO, Rafaela. História do hip hop: a evolução dos anos 70 aos dias atuais. 06/10/2023. Disponível em <https://www.letras.mus.br/blog/historia-do-hip-hop/> . Acesso em 05/2024.

DANTAS, Tiago. Funk. S/d. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/artes/funk.htm> . Acesso em 05/2024.

ELEUTÉRIO, Lorena. Estilistas negros que mudaram a moda nos últimos tempos. Disponível em <https://www.revistaloficial.com.br/moda/16-estilistas-negros-que-mudaram-a-moda-nos-ultimos-tempos> . Acesso em 01/2024.

ERLEA, Melody. Violência performativa e boinas: os símbolos dos panteras negras. 5 de jun. de 2020. Disponível em <https://www.repeteroupa.com/post/violencia-performativa-e-boinas-os-panteras-negras> . Acesso em 05/2024.

ETIQUETA ÚNICA. Top 5 Marcas Streetwear de Luxo. S/d. Disponível em <https://blog.etiquetaunica.com.br/top-marcas-streetwear-de-luxo/> . Acesso em 05/2024.

FEARON, Faye. Um novo LP de compilação de James Brown inspira uma retrospectiva do estilo icônico do cantor. 29/10/2020. Disponível em <https://robbreport.com/style/fashion/james-brown-style-1234578075/> . Acesso em 05/2024.

FONSECA, Ana Graciela Mendes Fernandes da; POSSARI, Lucia Helena Vendrusculo. A moda demarcando espaço: o caso da “moda Hip Hop”. Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte, São Paulo, V.3, No.1, ago. 2010. Disponível em http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/02_IARA_vol3_n1_Dossie.pdf . Acesso em 03/07/2022.

FURLANI, Bianca. Por onde anda a moda hip-hop? 27 de novembro de 2018. Disponível em <https://jornalismoespecializadounesp.wordpress.com/2018/11/27/por-onde-anda-a-moda-hip-hop/> . Acesso em 05/2024.

GARCIA, Maria Fernanda. Ignorados pela história: conheça inventores negros que ajudaram o mundo. 28/07/2020. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/noticias/ignorados-pela-historia-conheca-inventores-negros-que-ajudaram-o-mundo/> . Acesso em 04/2024.

INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL. Patentes. 29/07/2020. Disponível em <https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/perguntas-frequentes/patentes#patente> . Acesso em 04/2024.

INSTITUTO TODOS OS CANTOS. Mulheres na música: Aretha Franklin. 28/09/2023. Disponível em <https://todososcantos.com.br/mulheres-na-musica-aretha-franklin/> . Acesso em 05/2024.

KACE WEAR. O que é streetwear? - Entenda o significado e a origem da moda street. 08/07/2020. Disponível em <https://www.kacewear.com.br/blogs/conteudo/o-que-e-streetwear-entenda-o-significado-e-a-origem-da-moda-street> . Acesso em 05/2024.

LETIELAS, Elizabet. Tendências de moda criadas pela comunidade negra. 02/02/2023. Disponível em <https://feitoporpreto.com/?p=30> . Acesso em 01/2024.

LIMA, Miriam. “Respect” e as roupas que falam de Aretha Franklin. 17 de agosto de 2021. Disponível em <https://miriamlima.com.br/cinema-arte-moda/respect-e-as-roupas-que-falam-de-aretha-franklin/> . Acesso em 05/2024.

MARTINS, Marina. A força e a resistência do movimento negro norte-americano e a sua influência na moda dos anos 1960. 01/06/2016. Disponível em <https://www.ocafezinho.com/2016/06/01/a-forca-e-a-resistencia-do-movimento-negro-norte-americano-e-a-sua-influencia-na-moda-dos-anos-1960/> . Acesso em 05/2024.

MIRANDA, José Carlos. Aos 41 anos do assassinato de Steve Biko. 14/09/2018. Disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2018/09/14/aos-41-anos-do-assassinato-de-steve-biko/> . Acesso em 05/2024.

MONGE, Yolanda. Quando os EUA passaram a considerar racista pintar o rosto de preto. 20/09/2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/19/internacional/1568918644_060063.html . Acesso em 05/2024.

MOURA, Rogério de. Thomas Jennings, o inventor da lavagem a seco (1971 - 1856). 02/2018. Disponível em <https://negrosgeniais.blogspot.com/2018/02/thomas-jennings-o-inventor-da-lavagem.html#:~:text=Tinha%2030%20anos%20quando%20recebeu,de%20roupas%20de%20Nova%20York> . Acesso em 04/2024.

OLIVEIRA, Jorge Marcelo. As primeiras modelos negras na história da moda e publicidade. 05/08/2020. Disponível em <https://mondomoda.com.br/2020/08/05/primeiras-modelos-negras-moda/> . Acesso em 05/2024.

PEDAGOGIA & COMUNICAÇÃO. Ella Fitzgerald. 30/07/2005. Disponível em <https://educacao.uol.com.br/biografias/ella-fitzgerald.htm> . Acesso em 05/2024.

PONTES, Márcio Miranda. Soul: conheça mais sobre o estilo que dominou o mundo. 23/11/2020. Disponível em <https://www.sabra.org.br/site/soul/> . Acesso em 05/2024.

PRADO, Vitória. Street Style, hip hop e visibilidade. 03/01/2021. Disponível em <https://www.revistacinestylo.com/post/street-style-hip-hop-e-visibilidade> . Acesso em 05/2024.

PRESTA, Gustavo Antoniuk; CASAGRANDE, Marcela Luiza. O ato de vestir: o negro entre a moda e a sobrevivência. Revista CARTEMA, Recife, n. 9, p. 14-44, Ago. 2021. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/CARTEMA/article/view/251251/39725> . Acesso em 03/2024.

PRIMEIROS NEGROS. Ray Charles, o “pai” da soul music. S/d. Disponível em <https://primeirosnegros.com/ray-charles-pioneiro-do-soul/> . Acesso em 05/2024.

PRINCE OF STREETS. Confira a lista das 10 melhores marcas streetwear nacionais e importadas. 21/03/2022. Disponível em <https://www.princeofstreets.com.br/blog/lista-10-melhores-marcas-streetwear/> . Acesso em 05/2024.

RAINHO, Hélio. Dandismo negro – Parte 3: “Zoot suits jazzistas e Ternos brancos do samba”. 07/04/2021. Disponível em <https://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2021/04/07/dandismo-negro-parte-3zoot-suits-jazzistas-e-ternos-brancos-do-samba/?cmpid=copiaecola> . Acesso em 05/2024.

RIBEIRO, Adriana. Poder para o povo: História do partido dos Panteras Negras. 19/10/2023. Disponível em <https://www.politize.com.br/panteras-negras/#:~:text=O%20Partido%20dos%20Panteras%20Negras,direitos%20para%20os%20afro%20americanos.> Acesso em 05/2024.

RIBEIRO, Fernanda; SCHEMES, Claudia. O jazz e a moda no Brasil: algumas reflexões. Revista Conhecimento Online – Ano 3 – Vol. 1 – Março de 2011. Disponível em <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/161/1672> . Acesso em 05/2024.

ROMANATO, Daniella. Office Acadêmico: Manual para edição de trabalhos acadêmicos utilizando o programa Microsoft Word. Campinas: Incentivar, 2010.

SARNA, Ed. Dê um toque especial ao seu visual: comemorando o mês de valorização do jazz com óculos retrô. S/d. Disponível em <https://edandsarna.com/blogs/blog/celebrating-jazz-appreciation-month-with-retro-glasses> . Acesso em 05/2024.

SCOLASTRICI, Bruna Almeida. Kanye West e a Moda: Entenda a influência e a trajetória do Rapper no "Mundo Fashion". 12/05/2022. Disponível em <https://www.meon.com.br/meonjovem/alunos/kanye-west-e-a-moda-entenda-a-influencia-e-a-trajetoria-do-rapper-no-mundo-fashion> . Acesso em 05/2024.

SIQUEIRA, Cleber. O Movimento Black Power. 07/04/2021. Disponível em <https://viversempreconceitos.com.br/2021/04/07/o-movimento-black-power/#:~:text=Um%20movimento%20social%20que%20nos,negros%20com%20suas%20ra%C3%ADzes%20africanas.> Acesso em 05/2024.

SOARES, Lucia. Cinco fatos sobre Billie Holiday. 29 de abril de 2021. Disponível em <https://elle.com.br/cultura/cinco-fatos-sobre-billie-holiday> . Acesso em 05/2024.

SUPER INTERESSANTE. Como surgiram os ritmos funk e rap? 31/10/2016. Disponível em <https://super.abril.com.br/cultura/como-surgiram-os-ritmos-funk-e-rap> . Acesso em 05/2024.

THE GAME. Como A Golf Wang Evoluiu Junto A Carreira De Tyler, The Creator. 21/04/2020. Disponível em <https://thegamecollective.com.br/blogs/streetwear/como-a-golf-wang-evoluiu-junto-a-carreira-de-tyler-the-creator> . Acesso em 05/2024.

VEJA. Nascimento do hip-hop: como surgiu o gênero que mudou a música. 04/09/2017. Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/nascimento-do-hip-hop-como-surgiu-o-genero-que-mudou-a-musica> . Acesso em 05/2024.

VICTORIAN, Brande. Bethann Hardison sobre sua luta pela igualdade para modelos negras: “Eu estava disposta a sair do penhasco”. 09/09/2023. Disponível em <https://www.hollywoodreporter.com/lifestyle/lifestyle-news/bethann-hardison-fight-for-equality-black-models-invisible-beauty-doc-1235582734/> . Acesso em 05/2024.

WEBER, Beta. História da moda: Off White. 28/11/2021. Disponível em <https://stealthelook.com.br/historia-da-moda-off-white/> . Acesso em 05/2024.

WHITE-GRIER, Brooklyn. Como 'Soul Train' imortalizou uma era exuberante de estilo e cultura negra. 30 de julho de 2023. Disponível em <https://edition.cnn.com/style/soul-train-black-fashion-music-culture/index.html> . Acesso em 05/2024.